

Do Sul ao Norte – Uma Experiência Inesquecível

Passei no concurso, da Receita Federal.

Consegui, aleluia, ser Auditor-Fiscal.

Mas que barbaridade, que falta de sorte.

Minha jornada começou bem longe, no norte.

Mas eu mal sabia quanto seria legal.

“Te cuida lá longe”, dizia o pessoal.

Tem índio, tem bicho, é só matagal.

Mas eles não sabem, que gente inocente.

No norte tem progresso, também muita gente.

Um povo caloroso, acolhedor, sensacional.

De mala e cuia me fui, pegar o avião.

Viajar o dia inteiro, para chegar no nortão.

Pelo caminho encontrei alguns "companheiro".

Que também iriam para o mesmo paradeiro.

Batendo papo, esperamos, a nossa conexão.

E quando pensei: "Estou chegando, mazá".

O avião deu meia-volta e voltou para Cuiabá.

A gente não sabia, não tinham avisado.

Que na época de chuva é muito complicado.

Chove muito, chove chuva, em Ji-Paraná.

Meu Deus do céu, e agora?, mas que situação.

Se não tomar posse amanhã, complica a remoção.

E agora, o que fazer, para levar a papelada?

Alugar um carro e dirigir pela madrugada?

Esperto foi o Matheus, que foi de busão.

No outro dia, bem cedo, juntamos o pessoal.

Pra fazer uma estratégia, um plano vital.

E o Demi logo mostrou toda a sua experiência.

Sem delongas foi logo chamando a gerência.

"Não queremos ir pra Porto Velho, mas sim Cacoal".

E o Edson, grande amigo, nos ajudou com uma carona.

E mesmo com um quase extravio, da minha malona.

Por fim, deu tudo certo, a tempo conseguimos chegar.

Suados, barbudos, e aquele bendito papel assinar.

Oigalê, agora podemos descansar na poltrona.

E um dia, quem diria, até os sem-terra vieram invadir.

Deram uma foiçada na porta, nem pediram para abrir.

E foram entrando no prédio, era mesmo uma comitiva.

Devem ter achado que era uma Fazenda improdutiva.

A la pucha, que cagaço, que botei logo a fugir.

Mas não fui solito para os fundos, em busca de proteção.

Todo mundo foi correndo, e até caiu gente no chão.

Na hora foi um susto, pegou todo mundo de surpresa.

Sei ainda que teve gente que ficou embaixo da mesa.

E a Dalva ainda hoje não sabe quem pisou na sua mão.

Mas as polícias vieram, e a confusão se acabou.

De prejuízo ficou pouco, só a porta que quebrou.

Mas ainda hoje, com qualquer barulho que seja.

O Marcus fica assustado, e se lembra da bandeja.

Do iogurte perdido e pior, do dinheiro que gastou.

E até a velha mangueira virou motivo de discussão.

Pois seus galhos estavam pesados, quase indo até o chão.

E a Rose, tão quietinha, de repente sua voz levanta.

"Onde vão morar as iguanas, se não for nessa planta?

Basta podar os galhos, não precisar passar o facão".

O Demi, sempre pronto, se ofereceu para ajudar.

Tirou uns pila da carteira e pagou para podar.

E a mangueira continuou frondosa, linda, um esplendor.

Lar das iguanas, das mangas, e um ninho de amor.

Do povo que aproveita sua sombra só para se amar.

Nunca vou me esquecer, desse tempo aqui em Rondônia.

Dos momentos que vivi, na linda terra da Amazônia.

Da feirinha lá das quintas, comprar fruta ou verdura.

Esses momentos sempre vou lembrar com ternura.
E se alguém ainda pensa que aqui só existe mato.
Pode ir no Riad, pedir quibe, esfiha, ou outro prato.

E da comida, o que falar, que delícia isso aqui.
Os peixes, de qualquer jeito, pirarucu ou tambaqui.
E a carne, dos churrascos, sempre muito saborosa.
Espetinho com farofa, com combinação gostosa.
Ainda bem que antes de ir embora, eu provei o açai.

E quando lá no sul, levantar cedo pra matear.
Não vai mais dar para ver a arara a voar.
E a geada, no inverno, congelando até o capim.
Que saudade de Rondônia, nem era tão quente assim.

Mesmo que a contagem, regressiva para esse dia.
Mesmo que ir pro sul era tudo que eu queria.
Na hora da despedida, bate forte a emoção.
Passa um filme na cabeça, dá um aperto no coração.
O trabalho, os amigos, aqui foi o meu lar.
De Ji-Paraná, com certeza, para sempre vou lembrar.

TIAGO DA SILVA

Ji-Paraná, 30/09/2015